

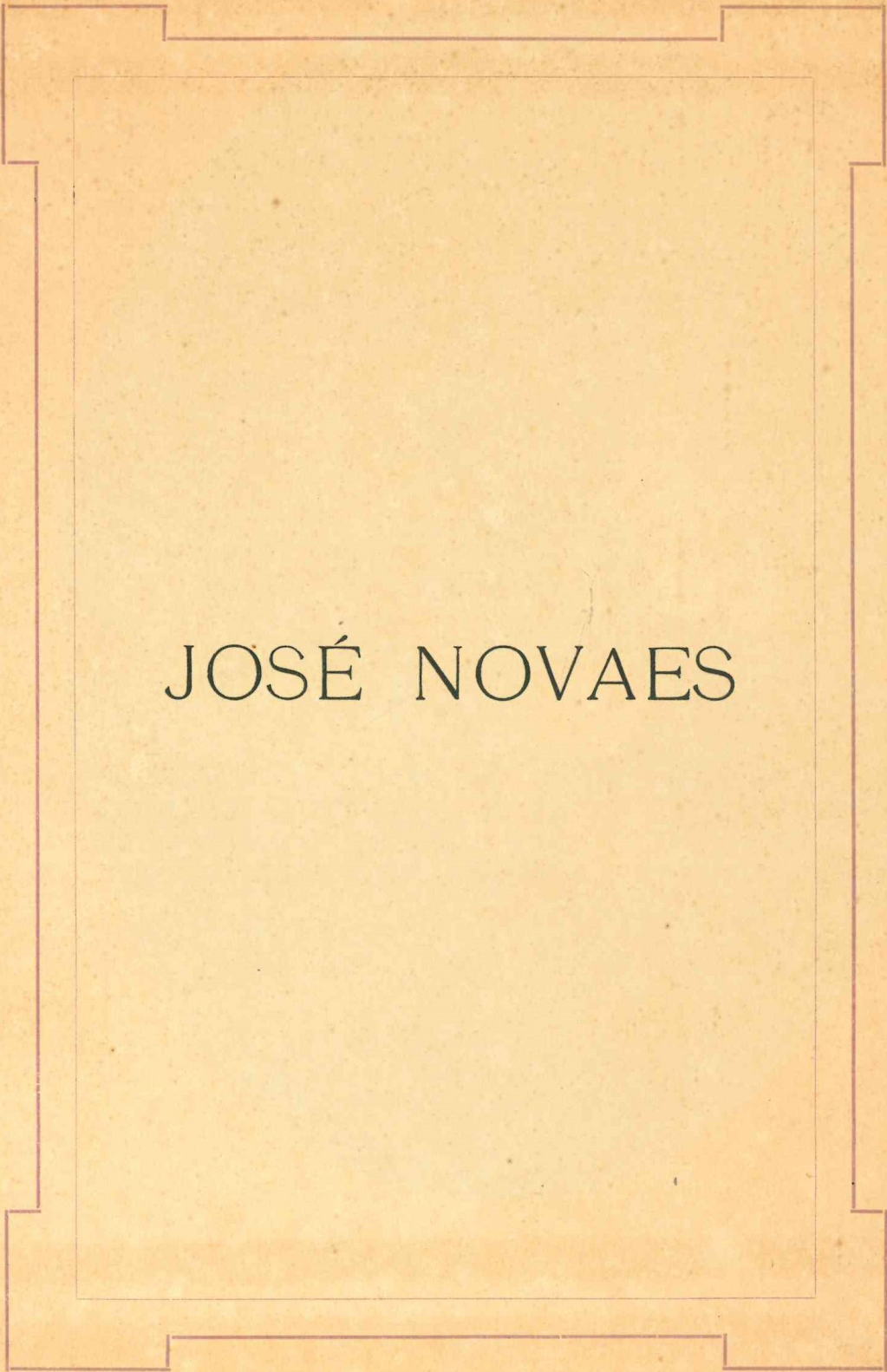


vais, José de At

CÓNEGO BERNARDO CHOUZAL

JOSÉ NOVAES

Oração fúnebre pro-
ferida nas exéquias
celebradas em Bar-
celos no dia 10 de
março de 1913.

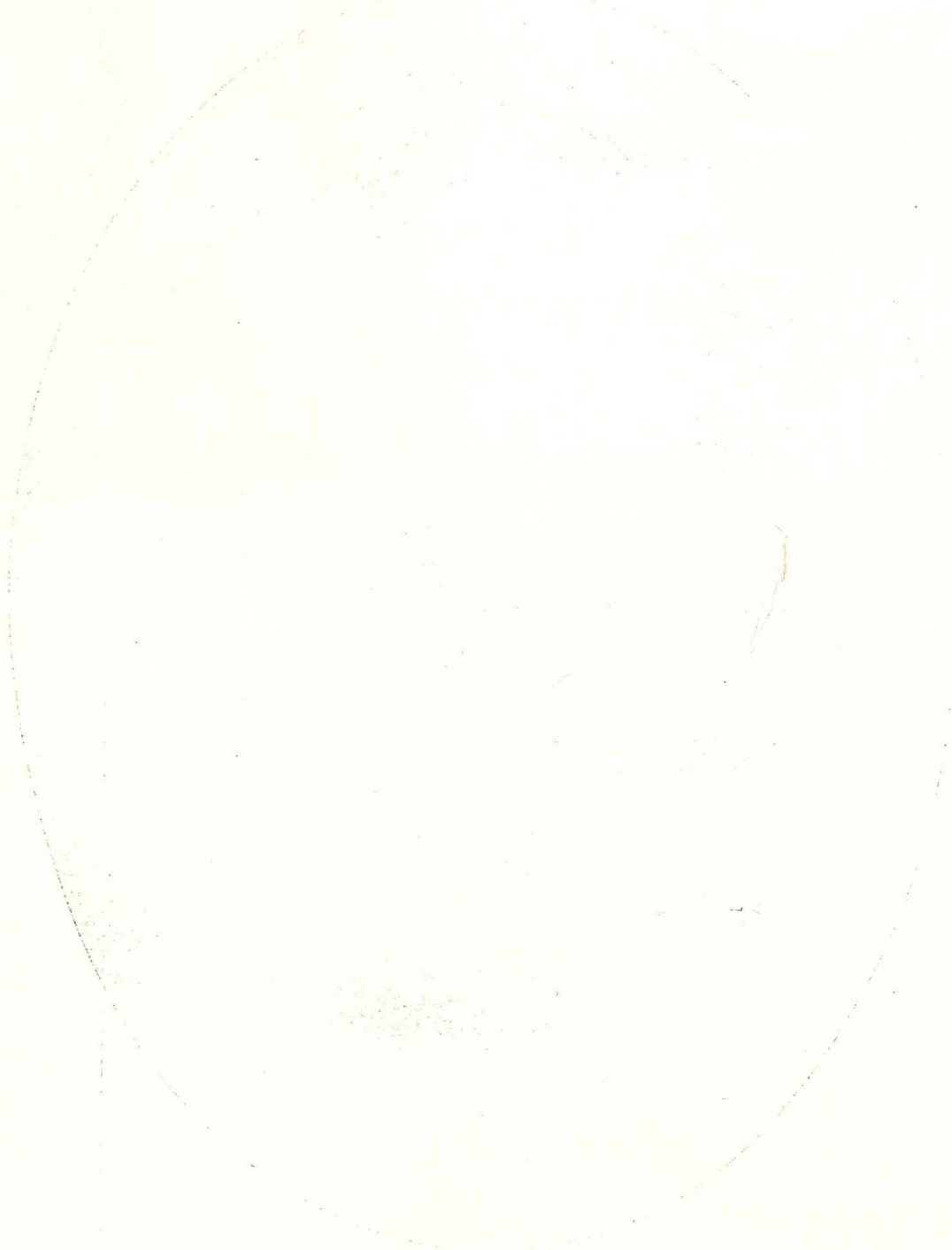


JOSÉ NOVAES

JOSE NOVAES



Dr. José d'Abreu do Couto d'Amorim Novaes



O. V. R.
BIBLIOTHECA

IX.

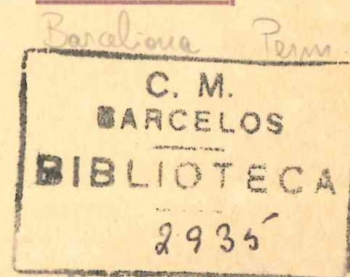
CÓNEGO BERNARDO CHOUZAL

José Novaes

Oração fúnebre proferida
nas exéquias celebradas em Barcelos no dia 10 de março
de 1913



PORTO
Tipografia A. Paulino, editora
219, Rua Formosa, 223
1913





0915





León Bernardo Chouza.

OF THE
BIBLIOTECA

R' II.^{ma} e Ex.^{ma} Senhora

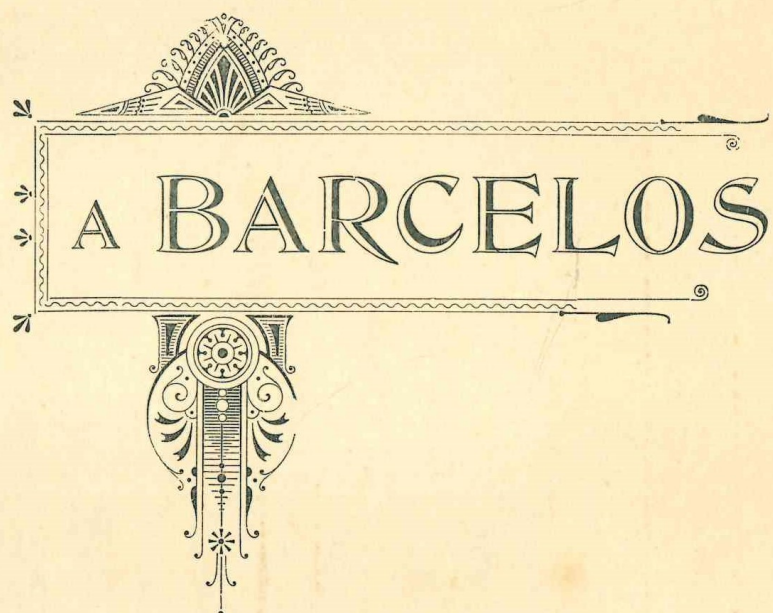
D. Capitolina Pinto da Fonseca Novaes

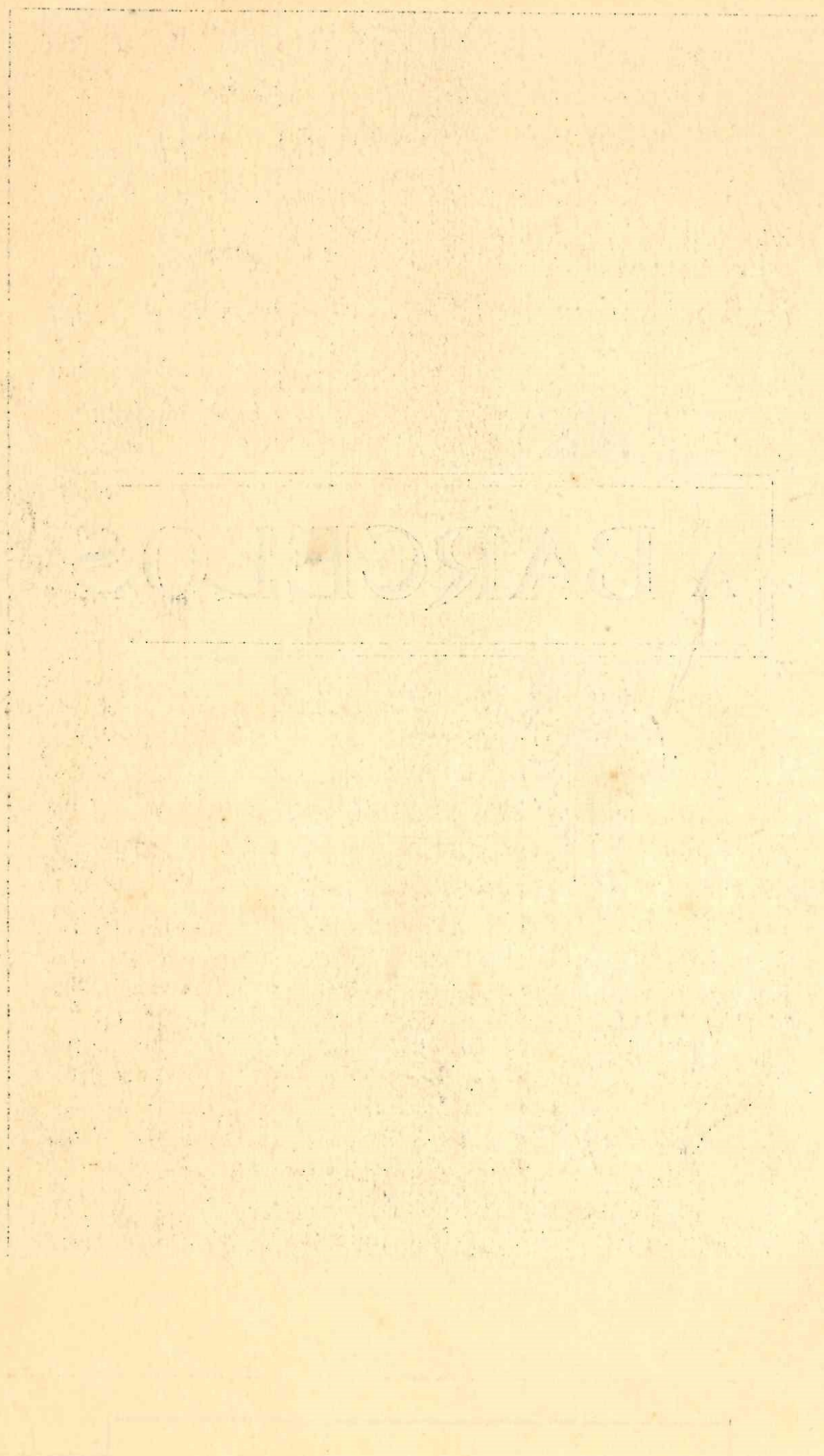
e a

Seus Filhos

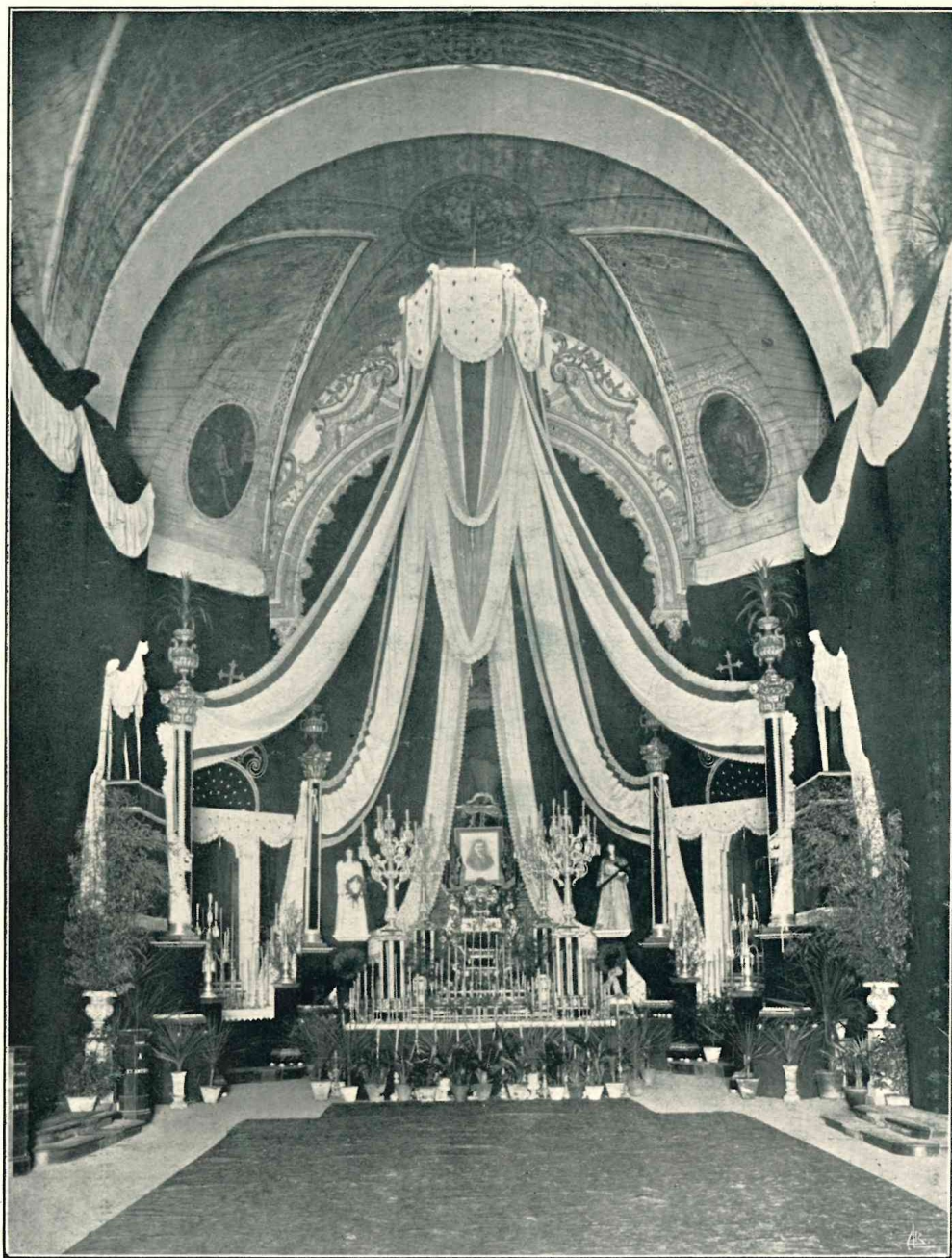
*« Quantas virtudes podem esmaltar-se
« numa consciencia convictamente chris-
« tã; quantos dotes pessoaes é legitimo
« requerer a uma esposa e mãe de todo
« o ponto digna; quantas distinctas
« qualidades e mister que uma mulher
« reuna em si para exercer a mais larga
« influência moral na intimidade da sua
« familia e no circulo das suas rela-
« ções, — tudo isso possuiu esta senhora
« e manifestou ».*

(ANTONIO CANDIDO).





BARCELONA



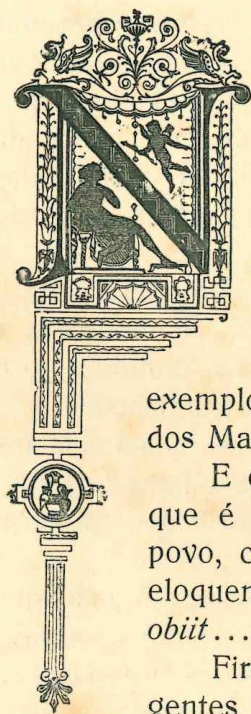
GRAVURA DE MARQUES ABREU

AC. 137
BIBLIOTHECA

*Et hic itaque mundus obiit, per omnia
in Domino confidens.*

L. II MACHAB. VII, 40

E este tambem morreu sem contami-
nar-se e com inteira confiança no Senhôr.



o campo da honra, na arena do martírio provado pela tirania, peitado por toda a espécie de seduções, bemdito e afervorado pela mãe e seguindo o nobilíssimo exemplo dos irmãos, assim acabou o último dos Macabeus.

E o sacro historiador, relatado o facto que é lustre duma família e orgulho dum povo, comenta-o nestas singelas, mas bem eloquentes palavras: *Et hic itaque mundus obiit*

Firmes na obediência á lei, intransigentes no cumprimento do dever, inabaláveis no amor da pátria, invulneráveis em pontos de honra e intangíveis na crença do verdadeiro Deus, sempre adornaram a vida com as mais nobilitantes

virtudes e até da própria morte fizeram um exemplo de descomunal edificação, uma formidável síntese de genial heroísmo. Assim acabam os que fazem da vida um imaculado sacerdócio e sobem para a imortalidade com a firme confiança dos eleitos e a força indomável dos predestinados.

Bem cônscios das suas forças e bem senhores do seu destino, couraçados contra todos os revezes e aparelhados para todas as lutas, trilhando seguros caminhos e apartando perigosos enleios, a passo bem certo e com vista mui atenta, vão direitos e serenos para uma morte que os transfigura, para um epílogo que os glorifica — a Imortalidade, escrínio bemdito forjado com o ouro da Fé, e blindado com o aço do caráter, para avaramente encerrar as gemas das melhores virtudes e as opulentas capitalizações do mais estrénuo trabalho.

A morte é para eles anciada libertação: parte o tenue invólucro do fragil barro que os modelava e revela-nos o opulento tesouro das suas grandezas e o pródigo celeiro das suas abundantes frutificações.

A morte é o seu princípio: represa os mananciaes que a sua fecunda atividade alimentava, para de súbito fazer rebentar a torrente que fertiliza e dessedenta a campina interminável das gerações.

A morte é o seu fim: asfixia a cerebração que corporizou os mais formosos ideais, lacera e entrava a víscera que pulsou os mais mimosos sentimentos, e coloca nas clareiras brilhantes do progresso e arrebatada para os pináculos deslumbradores da civilização os santos dos nossos cultos, os patronos das nossas glórias.

A morte é a sua vitória : terçaram armas nas mais brilhantes porfias, porfiaram as mais ardorosas justas, justaram nos mais acesos e decisivos combates, combateram nas mais sagradas causas ; vão depois ao santuário da glória que lhes recinge a fronte de louros e voltam em seguida para o tablado da história que em suas páginas grava o poëma dos seus feitos e nos seus hinos acepilha o tributo da nossa gratidão.

Morrer, morrer, é o supremo anhélo dos grandes, porque é a maior glorificação da sua vida, a solene abertura do seu testamento, a primeira irradiação da sua personalidade e a última prova do seu ingente valor.

Assim acabou tambem o Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor dr. José d'Abreu do Couto d'Amorim Novaes.

Curto foi o estádio da sua vida terrena; mas altíloqua foi a afirmação do seu incontestavel valor, a expansibilidade do seu formoso talento, a objectivação do seu nobre carater, a honestidade inconcussa da sua vida pública, a extremosíssima afetividade da sua vida doméstica e por sobre tudo isto, vitalizando-o, o esmalte profundamente caraterístico, inconfundivel e perduravel das virtudes christãs que sempre foram os mais autênticos pergaminhos da sua grandêsa e os mais luzidos brasões da sua fidalguia.

E' bem difficil encontrar na acidentada e não rara inglória vida da moderna sociedade portugueza uma

existência que tenha deslizado com tanta serenidade, um homem público que quasi não haja conhecido malquerenças ou imputações deshonrosas para o seu brio e carater, um filho, marido, pai e irmão de tão acendrados afétos, um amigo de tanta e quamanha dedicação, um católico sincero de tão práticas e públicas afirmações, um homem enfim tão devotado á terra que lhe foi berço e á região que procurou servir com todas as energias, como foi o dr. José Novaes.

Coração duma pródiga generosidade, espírito de avantajadas luzes, político dum sólido prestígio e homem público duma rara abnegação, de tudo se valeu e serviu, nestes tempos de sórdido egoísmo, para espalhar benefícios e nunca para anediar a sua personalidade com pingues benesses.

Atingiu, é certo, as maiores culminações a que póde aspirar um político, um homem público; mas para umas foi arrastado por imperiosos mandatos e inexcusaveis deveres, outras lhe foram decretadas e impostas como honra ao mérito e prémio á dedicação.

E em tudo e sempre, ia gastando em excesso a vida que lhe pedia repouso e sacrificando os legítimos interesses da sua fortuna que clamava pela sua administração.

Que não falem os amigos de José Novaes, que se calem os agradecidos porque a paixão póde influir nas suas palavras e a suspeita empeçonhar os seus julgamentos; mas os indiferentes, os estranhos, os adversários políticos, que José Novaes os teve e bem dignos de si sem outros haver, o hão de julgar com a justiça que manda render homenagens aos grandes e aos bons.

Como Samuel defendendo a sua boa conduta testificada pelo próprio povo, o dr. José Novaes com entôno e desassombro, com altivez e sem receio de desmentido, pôde dizer da sua vida pública: aqui me tendes presente para me julgardes. Declarai contra mim diante do Senhor e do seu Ungido, se eu usurpei alguma cousa alheia, se alguém caluniei ou oprimi, se aceitei dádivas ou recolhi proveitos de quem quer que seja — *Ecce praesto sum. Loquimini de me coram Domino, et coram Christo ejus, utrum bovem cujusquam tulerim, aut asinum; si quempiam calumniatus sum, si oppressi aliquem, si de manu cujusquam munus accepi.* (Liv. I.º dos Reis, XII, 2-3.).

Se é bem certo o provérbio italiano de que uma bela morte é a maior e melhor honra duma vida inteira, não o é menos este outro: *talis vita, finis ita.*

E José Novaes morreu como o bom justo, porque sempre viveu como um verdadeiro crente. E felizes daquêles que morrem no Senhor! *Beati mortui qui in Domino moriuntur.* Não viveram a vida chumbados a comodíssimos ociosos, não assalariaram o esforço próprio aos enfartamentos do egoísmo, não valorizaram o mérito com o suor, o sangue e as lágrimas dos semelhantes, não subiram pelos degraus da prepotência para tronos de despotismo, não se adornam com mantos talhados na pele denegrida do povo, não ouvem hossanahs conclamados pela gritaria lancinante dos desgraçados, não são grandes pela soma de males que causaram ou pelo número de vítimas que fizeram.

São *uns humildes* que em seus hombros resignada e corajosamente tomam o fardo de todas as necessidades, *uns videntes* que por trilho seguro o levam ao

bom termo das suas aspirações, *uns miseráveis* que tudo querem para tudo dar, *uns pródigos* que nada é seu porque tudo é dos outros, *uns bons* que despejam braçadas de consolador refrigério para a resequida seára humana, *uns herois* de santa paciência que, como Job, fazem do monturo da desgraça a terra ubertosa das suas opulentas frutificações, *uns escravos* que tomam em seus pulsos a grilheta de todos os infelicitados, *uns apóstolos* que trovejam as mais justas defensões e proclamam os mais salutarens ensinamentos.

SENHORES:

A morte do dr. José Novaes foi sentida em todo o país e consternou profundamente o norte de Portugal.

Aos imponentissimos funerais nunca excedidos e difficilmente egualados, que o Pôrto lhe tributou como merecida homenagem e talvez como mais alguma cousa, porque o Pôrto é afinal de contas o autêntico coração de Portugal, e no coração português há sangue e não há venenos, há amor e não há ódios, succederam-se em muitas terras comemorações póstumas que com eloquência nos mostram que José Novaes tão cedo saiu da terra quão depressa entrou glorificado para a posteridade.

Barcelos que nunca o há de esquecer e sempre saudosamente o há de lembrar, Barcelos que tem brio,

patriotismo e nunca deixou de praticar o culto da gratidão, a todas as terras se avantajou, sufragando com pomposas e soleníssimas exéquias, o filho ilustre que sobremodo a honrou, o cidadão de largo préstimo que devêras a engrandeceu.

E, exemplo nobilíssimo, os amigos sempre dedicados amorosamente se conjugam com os liais adversários de hontem, para hoje, numa unânime e imponente consagração, honrarem o morto ilustre que foi um bom português e um grande filho de Barcelos.

Para um gesto tão soberbo e para uma homenagem tão grandiosa e sentida, valem mais as lágrimas dos agradecidos que os encomiásticos embora merecidos louvores da mais eloquente palavra. E eu vos ofereço, Ex.^{mos} promotores dêstes fúnebres obséquios, as de toda a família de José Novaes, as de todos os tocados pela sua mão bemfazeja, porque elas não são apenas flores de saudade a adornarem a sua campa; também são cristalizações preciosas duma inolvidável gratidão.

Para orador das suas excelsas virtudes escolhestes o humilde cabouqueiro da formosa e opulenta lingua de Vieira. A pedra preciosa pesquisou-a e encontrou-a êle. Lapidar não soube; por mais que quizesse escasseou o tempo a quem de recursos é bem caíño.

Valôr, não irei acrescentar-lho, pois, nem preciso é; méritos, não lhos hei de diminuir, nem posso. Êle espreita-me do alto e é cioso do seu nome imaculado; a consciência não me deixa, e eu costume obedecer-lhe; vós sois de atalaia, e apenas quereis justiça.

Agradecido, muito agradecido, pelo honroso encargo que declinar, por incomportavel nas próprias forças, era dever; e agora cumprir como possivel seja, maior dever é.

Exoro-vos benevolência e

Principío.

SENHORES :

Quando um túmulo se encerra e emquanto a história não abre a página que ha de receber as verbas que lhe legaram os paladinos da boa causa ou os monstros das maiores aberrações, a crítica, por direito e por necessidade, serenamente e com firmeza, sem o turbamento das paixões nem o resfolegar dos ódios, inventaria a herança, organiza os lotes, valoriza os cabedais, praceia os valores e averba definitiva e solememente á humanidade a obra do passado que é fundo e âmago do trabalho das gerações futuras.

A psicologia, a antropologia, a anatomia, a fisiologia, a sociologia, a heráldica, a crítica histórica, a ciência, em uma palavra, na sua variada e múltiplice objetivação, peregrinando, pesquisando o indivíduo no seu modo de ser, na sua concretização social, no *struggle for life*, integram no logar próprio e no devido tempo a parte no todo, intrometem no turbilhão vital o naco de pascigo que êle vai esmoer, engastam no

adereço que exorna os peitos opulentos, úberes e formosos da civilização a pedraria pesquisada nas minas inexploráveis da virtude e lapidada nas rijeiras do mérito, aferrolham nos cofres potentes do progresso o ouro dos melhores trabalhos, o aço das grandes forças e a hulha dos bons cometimentos, vincam com o ferrete da eterna reprovação as vilanias das maiores degradações e somem nas profundas de inféas e lôbregas masmorras ou expõem na varanda da mais justiceira irrisão, as feras dos grandes, os monstros do crime e da miséria.

SENHORES:

O berço em que germina e o lar em que vegeta e floresce um homem, o meio em que se lhe perfuma a inocência e o ambiente em que se lhe afeiçoa e compõe a juventude, são valiosos fátores a sinalar e caraterisar o seu papel e ação na ordem social. Não busqueis frutos opimos na árvore mal cuidada em sua puerícia; não prepareis vasto celeiro para a seara de mal amanhada sementeira e tempos nada propícios ao seu desenvolvimento e granação.

Para morrer com grandesa e glória serve mesmo um catre da mais desamparada miséria ou até a guilhotina da mais ignominiosa e infamante reprovação; mas para viver e agir com honra e proveito, com bênçãos e louvores, com aclamações e apoteoses, com virtude e glória, para compôr a existência segundo o

evangelho dos mais sublimes ideais, para escravizar a vida ao código dos mais nobilitantes deveres, para fazer da alma e do coração valioso rescrito das mais deslumbradoras glorificações, — é necessário que o berço e o lar sejam estufa onde se componha e desenvolva a mais sábia atmosfera, se combatam os mais deletérios germes, se mantenha a cálida temperatura da mais lídima crença; é necessário sobretudo que no surgimento e adaptação ao meio social, o homem não sinta bruscas variações nem julgue que, para galhardamente caminhar para o futuro, necessário é alijar a bagagem trazida do passado.

A linda e formosa terra que

..... O Cávado,
Que entre arvores e flores causa alento,
Pintando abril na terra que senhora,
Das mais mostra que o foi e he agora,

a lendária Ambracia, ou Bracia Celani, a Barcina dos cartagineses, a Barca Coeli, ou a filha dos Cilenos (Bar-cilenos), foi o mimoso alfombrado da mais pura e autêntica nobreza de Portugal.

Para se aquilatar do seu valor e importância em tempos idos, bastará apenas dizer que Barcelos punha em campo 17:000 homens de ordenanças, não entrando os nobres cujo número era considerável.

Só em Barcellos ouve alardo um dia,
Em que o sol pelos campos dilatados,
Com terrível e fera galhardia,
Dezasete mil peitos viu armados.

E ainda hoje não vejo nem conheço terras portuguesas em que homens de preclara estirpe melhor saibam honrar e impor os pergaminhos da sua lúdima nobreza e os brasões do seu glorioso passado.

O dr. José Novaes era fidalgo pelo nascimento, como bem mais e melhor o foi pela sua vida. Se pelo lado paterno êle tinha uma documentada e ilustre ascendência nas letras e nas armas, pelo materno êle ia entroncar em avoengos da mais pura linhagem; a heráldica prende-o em árvores de afamada geração, do mais privilegiado sangue azul.

A fidalguia entre nós vai extinta; herda do passado nomes, brasões e ainda por vezes terra e ouro, mas não procura nobilitar-se e engrandecer-se no campo em que a moderna civilização brasona e afidalga os homens. Perdeu a têmpera e não procura de novo caldear-la na frágua bemdita em que o fogo do progresso, ateado em ingentes e intensas labaredas queima as ferrugens do passado, lima as rugas dos tempos e remoça o que de grande e bom nos legou o espírito antigo.

A fidalguia morre na inanição, dessorar-se em abastardamentos, mescla-se em burguesismos, e é impelida e derrubada pela onda majestosa e arquipotente do povo que, recalcando-lhe as intumescências e reduzindo-lhe os inchaços, tudo vence e galga em desapoderada carreira de glórias e conquistas.

A fidalguia seria ainda hoje enorme potência se reconhecesse que não ha venenos no sangue do povo nem os lábios dos humildes babam peçonha, que o campo da batalha ou o mar das aventuras que outrora distilaram tanto sangue plebeu na mais fina essência

da nobreza, é hoje o campo largo do progresso que o ferro, o vapor e a eletricidade retalham, regoam e fertilizam e a montanha gloriosa em que o génio sublime da ciência e o facho eterno da Fé transfiguram a humanidade depois de terem, a raios de luz e a golpes de fogo, refundido a civilização.

E' na província, é nos velhos solares das aldeias de Portugal que ainda se encontram typos inconfundíveis da mais autêntica nobreza, que se destacam e brilham, quais pepitas de puro ouro, entre o colossal montão deste geral desmuronamento.

Eu os venero.

A democracia avança a passos gigantesco; e quanto mais significativos e fortes são estes rebates de espírito conservador, que a moderna civilização vai acusando, mais ela se firma e melhor se consolida. Sustar a onda e represar a torrente, ninguém de senso e critério o procure fazer; mas dirigi-la e aproveitar-la é a máxima habilidade e deve ser a suprema aspiração. E quando assim, ninguém pensa em destruir porque todos se empenham em edificar, modernizando sem atentados, adaptando sem sacrilégios.

A democracia avança e sobe; mas quando em sua frente se ergue um solar que não é apenas museu de relíquias ou podreiro de antepassados, porque também é santuário de virtudes e fornalha de vidas; mas quando ao seu encontro vem um homem que ás grandezas do passado alia as virtudes do presente e com altaneira serenidade avança para as clareiras do futuro, um homem que defende as tradições em si substanciadas com o broquel duma honradez intemerata, com o gládio dum carater sem desvigoramentos

e com a gálea duma fé pura e intangível, — ah!, então a democracia abre fileiras e passa ovante; o estampido dum desabamento não sinala o seu curso, mas um brado de aplaudimento e uma estrofe de louvores esbatem-se harmoniosamente nas ondulações da atmosfera e percutem com valentia a consciência das gerações.

Um pae honrado e respeitado, protótipo do caracter minhôto e veneranda incarnação da pura família portugêsa, e uma mãe fidalga, mui fidalga e mui christã, — tal é a paternidade que teve José Novaes; num lar assim constituido e assim vivendo com fidalguia, com honra, com virtudes, com trabalho e com verdadeira fé, foi nado e creado José Novaes. No berço e na infância assim êle viu afirmarem-se os seus e assim tambem o orientaram. E tamanhos foram os cuidados e tanto era o interesse, tão sólidas as lições e tão edificadores os exemplos, com tamanha solicitude o ensinaram e com tão firmes propósitos êle aprendeu, que nunca traíu aquêles ensinamentos, nem uma só vez engeitou e malbaratou aquela opulenta herdança; e quanto mais do berço se distanciava, melhor êle a compreendia e praticava, mais os cabedais cresciam e o tesouro se pejava. Era a melhor fortuna que recebeu; era tambem a maior que queria legar.

Podia ter ficado no solar de Balugães e ser... um proprietário a cuidar da sua casa ou mesmo um quasi inutil, como tantos, a blasonar prosápias e a prodigar os recursos da sua regular mediania.

Foi para os estudos e, depressa, em tenras idades e com invulgar brilhantismo alcançou uma carreira literária.

Avêso a carreiras literárias que são a grande pecha dos estados latinos, porque invalidadas ou distraídas aptidões exigidas para outros misteres, o estado cancerado pela vérmina do funcionalismo, se vê forçado a ser uma associação de socorros e uma caixa de aposentações, eu reconheço, porem, que o dr. José Novaes teve a rara felicidade e o previdente critério, de dar a seu espírito a preparação mais consentânea ao munus que desempenhou na vida social.

A nossa Universidade de Coimbra atravessava então um periodo áureo; a cátedra era abrilhantada por insignes e abalisados professores que sobremodo a honravam, como nunca ela o havia sido e difficilmente o será; as bancadas eram cheias por uma geração que letras d'ouro memoram nos fastos universitários. E o dr. José Novaes honrou-a com raro brilho e inusitado vigôr.

A frequência nas faculdades de ciências naturaes sazouando bem os frutos precocemente colhidos no curso dos liceus, com distinção feito aos 15 anos, prepararam-no condignamente para ingressar na frequência das faculdades de Teologia e Direito, formando-se, nelas aos 22 anos de idade.

O método, erudição, critério e o terso português com que apresentava as suas modelares lições, a subtileza, o rigor lógico e o comedido, mas legítimo, entusiasmo que punha e imprimia em afamadas sabbatinas, as magistraes dissertações que por vezes a lume vieram e nas quaes o académico mais parecia abalisado tratadista ou insigne profissional, e tudo isto não só numa faculdade mas em duas ao mesmo tempo

e em anos sucessivos, deram a José Novaes as merecidas honras de ser considerado um estudante de grande talento, um dos mais afamados académicos daquela brilhante geração. Classificações elevadas eram sempre o remate do seu ano escolar; calorosos elogios á compita lhe rendiam mestres e condiscipulos. E se o seu talento e trabalhos não fossem dispartidos pelos estudos de duas faculdades e se a Minerva universitária não gostasse que filhos seus se amamentassem em mais de um peito e se, se não deixasse dominar pelo não bom preconceito de que official de dois officios em nenhum pode ser bom profissional, o dr. José Novaes com inteira justiça e com legitima recompensa, seria por certo ornamento do magistério universitário.

Mas, bem providencial se pode chamar a tudo isto !

A Universidade dispensava um futuro catedrático, a política negaceava, chamava, atraía um elemento valioso que, sempre honrando-a, mais e melhor a si próprio nela se honrou. E não era a primeira vez que tal se dava; eu creio até que os engeitados pela deusa Minerva são os mais singularmente amados e adotados pela matrona Política.

E, eis-nos chegados á página mais singularmente brilhante e mais acentuadamente característica da vida de José Novaes.

SENHORES:

A verdadeira política, segundo V. Cousin, baseia-se no perfeito conhecimento da natureza humana e procura pelos princípios da igualdade democrática e da justiça social, formar o organismo e regular as funções do Estado na sua vida íntima e no seu papel internacional. Para esta missão se desenham e efetivam os partidos que, traduzindo correntes de opinião e escravizando vontades decididamente apaixonadas e espíritos de forte clareza, promovem, segundo determinados processos da ciência social, o bem-estar, engrandecimento e felicidade dum povo.

Fóra disto e com mais frequência ha a *politiquice*.

Hoje em dia, partidos políticos a valer só se encontram nos grandes Estados em que a riqueza agrícola ou industrial acusa superprodução, em que o problema do intercambismo oferece aspectos e soluções múltiplas, a lei da concorrência demanda acurada regulamentação, em que o fenómeno da expansibilidade se impõe fatalmente aos empórios que para viverem a sua vida, carecem de sacrificar a alheia, em que é discutível o modo de realização daquela já hoje averiguada lei social de que povos grandes e fortes assimilam povos pequenos e fracos, em que a questão social entrou definitivamente na função política ou quando motivos de ordem puramente religiosa se interchocam com interesses de ordem exclusivamente temporal.

A Inglaterra, a Alemanha, a Belgica, os Estados-Unidos, a Austria etc., têm verdadeiros partidos políticos que a sua exuberante vitalidade, condições étnicas, religiosas, sociaes e internacionaes mantêm e reclamam. A França, depois da babel das lutas religiosas e dos correspondentes desvarios na ordem social, agora se prepara para a organização dos seus partidos, como depois a Italia, como em seguida todas as potências de primeira ordem.

São verdadeiras escolas doutrinárias que o povo culto constituiu e cuja execução confiou a homens superiores, colossos da finança, génios da diplomacia, mentores das multidões e cinzeladores de princípios.

Nos povos pequenos, gastos, velhos e pobres como nós, a vivermos mal, sem termos pão para comer e apenas com umas pipas de vinho a mais quando Deus o dá e com umas arrobas de cacau e cortiça em excesso que o estrangeiro nos leva por ínfima moeda para depois escambar como género precioso, sem industrias definidas, sem o apoio de bons exércitos, nem sequer ao menos com os elementos de uma regular defesa nacional, sem instrução popular nem profissional, caminhando aos encontrões ou ás apalpadelas, em Portugal ainda não houve, não ha, nem haverá partidos políticos: simulacros broncos, máscaras mal amanhadas e nada mais.

As próprias colónias que são hoje a nossa maior senão até única razão de ser, as filhas diléttas que leite poderão haurir nos resequidos e enrugados peitos desta velha e anemizada mãe? que alento poderão receber dum organismo que avarioses sociaes vão roendo impiedosamente? que correntes de opiniões

ou que práticas de princípios podem levar um povo dessorado e de brios contestáveis a propagar e perpetuar uma vida que não tem?

Se a uma nacionalidade que se cria corresponde sempre uma robusta paternidade que se gasta e se uma nação é capaz de um só bom filho gerar, porque depois os abortos são inevitáveis, — eu não temo que o brio português se não levante unânime, por mais e maiores que sejam os ódios e contensões, para clamar e pleitear o seu património; mas receio muito, porque os exemplos são até pela porta e de hontem, que outros valores mais altos se alevantem para, em nome de interesses a que apelidam de sagrados, chamar a si de qualquer modo, o que no mais legítimo direito só a nós pertence.

E não culpemos apenas Portugal ou os portugueses; culpemos antes o destino que nos fez detentores de terras em demasia para os nossos braços e culpemos também os outros povos que se julgam no direito de cubiçarem e adquirirem, até por uma violência, o que só mais proveitoso e conveniente lhes seja.

A própria Europa vae sendo agora teatro duma semelhante façanha.

Em Portugal, como em qualquer povo em idênticas condições, não há razão para partidos políticos na elevada e moderna acepção do termo. Há paixões, há ódios, ambições, interesses particulares, umas confrarias laicas, uns círculos civis, — homens e só homens recingidos e amortalhados em quiméricos e inexequíveis programas.

Talham-se programas e arregimentam-se partidários com tamanha facilidade como com quamanha

sem-cerimónia se retalham e desagregam: 80 anos de vida partidária em Portugal, são apenas 80 anos de individualismo, de idolatria.

Houve por vezes e haverá ainda hoje grandes homens; mas quando os homens grandes nos digam — programas e partidos somos nós — não espereis em tal povo uma vida política sólida e luzida.

Partido progressista?, não: apenas um amálgama do Duque de Loulé e do bispo de Viseu, fabricado por Braancamp.

Partido regenerador?, nunca: apenas um Fontes que soberanamente o personalizou.

E por alguns anos estes dois grandes vultos, mesmo depois de extintos, deram coesão, incutiram disciplina e vitalidade às suas agremiações partidárias; porque em homens dum tal quilate realiza-se muito um fenómeno assás parecido com o da refração solar ou o do milagre de Josué: brilham algum tempo no horizonte mesmo depois de baixarem a sua linha.

Depois vem a desordem, a desorganização, o caos.

Do partido progressista irradiou uma dissidência que lhe levou valiosíssimas individualidades; do partido regenerador apartou-se um grupo que nucleou as suas melhores figuras: e outros enxames não saíram por não ser de primaveras o tempo; garfos, era de todos os dias.

E adiante, senhores: na vida dos povos não há profecias porque Deus não quer; há silogismos de rigorosa lógica social: o passado e o presente são premissas incontestadas e indiscutidas: a legítima conclusão tanto a deduz um bronco analfabéto como um espírito de rara cultura.

O dr. José Novaes enfileirou no partido regenerador; o seu critério viu ali um homem: acompanhou a dissidência regeneradora; o seu critério e mais que o seu critério, a sua amizade e dedicação viram ali outro homem.

Não é esta a melhor norma de filiação político-partidária; êle bem o sabia. Era contudo a norma daquêle tempo, como creio ainda ser a de hoje. E quando um homem é impotente para dominar as correntes e dirigi-las e não pôde delas desviar-se, aproveita-as com a máxima prudência e a possível cautela, para que a honra, o carater e a virtude se não afoguem e para que de cabeça bem levantada e á superfície mostre que toda a estrada se pôde trilhar quando a coragem não falta nos perigos e a fé nos ampara á beira dos abismos e nos guia na passagem das encruzilhadas.

SENHORES:

O que foi a dissidência regeneradora na vida portuguesa e o que ela fez, não é facil dizer-se na atual conjuntura; a história nem sempre demorada no seu veredictum, tem de aguardar todas as consequências dimanantes dum facto para, em toda a sua plenitude, o julgar com o rigor inflexível da crítica; e quando as paixões tumultuam e os ódios se não encontram bastante recalcados, nem a sua voz é ouvida nem os seus julgamentos têm sanção.

Demais ha assuntos que o púlpito não comporta nem suporta; e profana-lo ou deprimi-lo quem tão devotadamente e com tamanho esforço o procura honrar, o que sabe ser grato a quem tanto ou tudo lhe deve, seria crime insuscetível de perdão.

E eu que de tal núcleo partidário fui o mais obscuro e desvalioso filiado, mui bem sei quão injustamente, por vezes, se julgou que a minha palavra neste lugar, só enfeudada ao serviço de Deus e também á superior e sagrada causa da pátria, era um grito de paixões políticas e um instrumento de negócios partidários.

Não e nunca: *coram Deo et hominibus* o afirmo e juro; era apenas como hoje sou e sempre hei de ser, um padre católico e um cidadão português.

E sem alterar a linha da minha conduta e sem modificar um só ápice a orientação do meu espírito, na minha curta e desluzida carreira de prégador, já vi ao agrado e incitamento de classes conservadoras seguir-se o apoio e até aplauso de classes avançadas.

O homem flutuava pouco; o padre nada — *firmus in via* — .

E desculpai a talvez justificada divagação.

A dissidência regeneradora é suscetível de discutir-se em princípios e processos, em palavras e em obras, em trabalhos e frutos; é indiscutível no valor e propósitos dos seus homens, é sobretudo indiscutível na capacidade e qualidades do homem que lhe imprimiu carater e até deu o nome.

Era um verdadeiro português, um grande e honrado carater, um tarado de grandes virtudes cívicas e também religiosas, *homem dum só rosto, duma só fé,*

dum só parecer, dantes quebrar que torcer, um suggestionador irresistível, um autoritário que fanatizava, uma autêntica e incontestada capacidade, a maior, talvez a única para, com diferentes processos dos que lhe impuseram, levantar o regime e superar as dificuldades de que enfermava a política portuguesa.

A justiça manda-me dizer isto de João Franco, porque êle já pertence á história, *é um morto*: o político foi assassinado na tarde trágica de fevereiro e o português enclausurou-se para sempre no amoroso recinto do seu lar. E procedeu bem; não podia proceder melhor.

O dr. José Novaes foi capitão valente e glorioso de tal núcleo partidário, braço direito de tal homem, chefe de estado maior daquele general político.

De longe treinado em as refertas do partidarismo, êle foi o organizador, a alma da dissidência regeneradora no norte do país. E tão bem se houve, tão corrêta e nobre foi a sua conduta, que o político viu coroada de brilhante êxito a sua emprêsa; os correligionários veneravam-no com a mais estreme dedicação, os próprios adversários nunca deixaram de preitear o homem que, mesmo envolvido na chama das paixões, e até alvejado pelo fogo das avançadas, se mostrou sempre grande, porque sempre foi corrêto e honrado.

Presidente do município da histórica vila de Barcelos e seu representante em côrtes durante largos anos, consagrou-lhe o mais entranhado afêto e foi intemerato defensor do seu progresso e engrandecimento. E se obras são as mais eloquentes palavras dum fúnebre elogio, aí as tendes bem numerosas e valiosas, nesta formosa vila e por este grande conce-

lho, a memorar e bemdizer com altisonância o seu nome honrado e o seu préstimo valioso.

Era sólida a sua influência política; conquistou-a honradamente, suou-a em não poucos nem pequenos sacrifícios, beneficiou numerosos amigos sem sacrificar o Estado, acudiu aos humildes com o mesmo carinho com que acolhia os grandes, hipotecou todas as suas energias e valimento aos interesses e necessidades dum povo de quem foi sempre zeloso e desinteressado procurador.

Grande influente eleitoral, dos maiores talvez, não foi um corrutor do voto e muito menos um corrompido pelo valimento que de tal força lhe dimanava; habil, enérgico e decisivo sempre usou de processos claros e corréto. Se os influentes eleitorais fossem todos dum tal estofo e se o *caciquismo* apenas usasse os seus processos, nem a vida pública seria maculada por tantos crimes nem o povo padeceria o infortúnio de tantos males.

De vigorosas e ingentes lutas políticas foi teatro Barcelos; o herói era sempre êle, ou melhor, o povo que o escolhia para seu representante; mas se por vezes lhe sondassem o ânimo êle diria: eu penso o que faço e faço o que, sem quebra de dignidade, me impõem os superiores interesses do meu partido e também o prestígio do meu nome; porque se o coração só mandasse, eu quereria nas mais gloriosas lutas abater a bandeira, ensarilhar as armas e dar passagem ao adversário. E' que os homens públicos são menos de si que dos outros; o alento é-lhes comunicado e não querer recebe-lo é motivo para enfraquecimentos e até pretexto para a morte.

Parlamentar da mais polida correção e da mais primorosa elegância, defendendo ou combatendo, a vitória era sempre luzida, a derrota sempre completa. O dr. José Novaes falava sempre com conhecimento de causa, nunca foi tomador de causas escuras nem empreiteiro de tarefas desdourantes; os superiores interesses da pátria, os legítimos interesses do seu partido, os incontestados interesses do povo que o elegia e dos amigos que nele confiavam, isto e só isto tinha cabimento na atividade e no esforço do homem que na política entrou de mãos limpas e dela queria sair ou nela morrer sem sombras na reputação ou nódoas no carater.

Governador civil em vários distritos, êle foi sempre um político de rara dedicação, um dirigente de mão suave e firme, um disciplinador, orientador e paladino da boa causa das terras e povos que administrou. Aveiro, Braga e Porto, lembram ainda hoje as administrações honestas e zelosas, a política prudente, tolerante e liberal do dr. José Novaes.

Ministro da justiça êle foi duma rara e inexcedível correção, aprumo e solicitude em gerir honestamente os negócios da sua pasta.

Não se sinalou em obras de vulto ou reformas não de largo tomo,—tendência e escolha de muitos que o hobrearam em valor, embora o superassem em audácia—. O dr. José Novaes sentia então o cançasso da luta titânica empenhada na organização do seu partido, conheceu também os primeiros rebates duma doença que muito lhe cortou as energias e aptidões e sobretudo aquele não era o seu meio, a sua atmosfera propícia. Feito entre o povo e pelo próprio povo, não era

ali abancado a uma secretária de ministro ou recostado nos fofos coxins do régio alcáçar que se daria bem o fidalgo tão plebeu, o plebeu tão nobre e o nobre tão trabalhador. Pedir sabia êle e sempre o havia feito com a firme convicção de quem, estendendo a mão para receber um favôr, para os outros, sempre tinha os lábios abertos para clamar com altivez a palavra justiça. Mas pedir como ali se ia pedir, pedir o que ali se ia pedir, sancionar tudo quanto se maquinava, executar tudo quanto se exigia, isso não estava no ânimo de José Novaes que apenas queria ser ministro de Estado honorário mas não deshonrado.

A própria lei da imprensa tão rijamente assalteada e concutida até pela *campanha do silêncio*, se não possui as virtudes que uns lhe reconhecem, também não acusa todos os males e defeitos que outros lhe encontram.

O certo é que o dr. José Novaes deixou a secretária dos negócios eclesiásticos e da justiça, sem ter recebido lapidações justiceiras, sem traír a Pátria, o rei e a sua honra e nobilitando o seu partido.

Quando recolheu á sua casa do Porto, reconheceu trazer menos dinheiro do que o que levou; nunca confundiu o seu bolso com o público erário: confessamos nós possuir êle ações meritórias a mais. Limpo nas mãos e na consciência.

SENHORES:

Quando a política não é um verdadeiro sacerdócio mas puro mercantilismo, quando os homens não a servem com abnegação mas a vil preço, os partidos liquidam, o estado enferma, as instituições desprestigiam-se e... haja cuidado, que o derradeiro passo está apenas suspenso.

Os tubarões, os tubarões! Foram êles que infestaram e desolaram os mares já sáfaros do antigo regime; praza a Deus que o novo lhes faça batidas com mestria e haja caçadas com farto succésso. De bôca escancarada para tudo pedir, de sacco aberto para tudo recolher mesmo o que não seja pertença, pôde nos casaes haver mediania, fartura, luxo e opulência; mas no tesouro público faz-se o vácuo e a vida política peja-se de imoralidades e crimes. Política que se faz com a disjuntiva de *a bolsa ou a vida*, acaba cedo e não pode deixar de acabar mal; pode escoar-se pelas apertadas grades duma cadeia, mas nunca se livra do braço forte da justiça popular.

Quando tudo come para a moralidade reinar, a náusea do indigesto, o roncar do guloso e a gritaria dos ébrios acorda o povo, e ai dêle se não acorda!, que sempre reserva para epílogo de taes festins o azorrague dos vendilhões e o calvário dos justicados.

Não foi esse o caminho trilhado pelo dr. José Novaes, nem tal portanto o seu epílogo.

Podia com honestidade, lisura e justiça ser funcio-

nário público; não lhe faltavam aptidões, tinha os direitos que dimanam da conquista, não era rico (se até os ricos se funcionalizavam!), ofereceram-lhe logares bem remunerados..... Para si nada quiz, nada pediu e nada aceitou.

Honra ao homem duma tão acentuada e inconfundível abnegação! dum tamanho desprendimento de si e dum tão invulgar interesse pelos amigos e até pelos próprios adversários. Porque José Novaes, ás vezes, sacrificava o amigo dedicado para confundir o adversário intransigente. Com pleno conhecimento de causa, por experiência própria para tudo dizer, eu o conheci nesta feição que revela o fino tacto e a sólida moralidade do político.

Os políticos arranjam-se bem e procuram arranjar os seus; tudo pelo estômago e tudo para a família. Numerosa a tinha êle, como ninguém a estremecia na pessoa sobretudo dos seus dignos irmãos; ajudou-os, protegeu-os; era um dever; mas os irmãos de José Novaes ocupam logares alcançados em concursos, logares em que a remuneração depende do trabalho, logares modestos, de completa dependência. Era amigo, era irmão; mas neles como em si próprio mostrou o que era a honestidade e para que servia o valor político: para os outros.

E por maiores que se julguem as aspirações de José Novaes, elas cifravam-se apenas nisto: viver com honra e morrer com fé; subir para Deus ajudado de virtudes e deixar cá um nome que a portugueses sirva de lustre e exemplo. E era o seu mais ambicionado prémio.

Outros prémios ainda teve o dr. José Novaes; as

honras, as bem merecidas honras prestadas a quem tão desdenhosamente e com tanta prodigalidade engeitava os proveitos.

Veneras tanto nacionais como estrangeiras das mais ilustres ordens lhe constelavam o peito.

Eu bem sei que as veneras, eram mais vendidas que merecidas; negociavam-se comendas e gran-cruzes, a peso e a medida, a dinheiro e a escambo, á vista e a praso como se negoceia a mais banal mercadoria; talhavam-se hábitos com menos tesouradas que casacas levam; não eram uma questão de mérito, chegavam a ser sinal de demérito, não eram recompensa merecida e devida, eram uma vaidade satisfeita, um capricho realizado, um estulto e ridículo luxo. Quando a imortalidade entrava para a sua academia, a página do Diário do Governo, já a mortalidade havia deixado o balcão do joalheiro que era afinal de contas o verdadeiro gran-mestre de toda a cracharia estranha e indígena. Os raros peitos em que elas bem assentavam fugiam a mostra-las e os nomes que melhor as distinguiam forcejavam por esconder-se.

Que o dr. José Novaes muito bem as mereceu e muito bem as honrava, todos o sabem.

A honra suprema de membro do Conselho de Estado, não havia homem em que melhor coubesse nem individualidade que mais criteriosa e superiormente a exercesse.

Bateu todo o teclado da política, feriu todas as notas da sua gama, pesquisou os escaninhos de todos os seus segredos, devassou os seus mistérios, pelejou as suas lutas, mostrou um grande valor, um raro civismo, aptidões não excedidas, virtudes nunca con-

testadas, cançou-se, sacrificou-se,..... era natural e justo que para conselheiro do rei fosse um grande amigo do povo, que para intervir nos destinos supremos da nação, fosse o paladino habituado a zelar e defender os legítimos interesses de parcialidades, que brilhasse no capitólio com glória quem honesta e abnegadamente se havia afirmado no trabalho. Maiores, talvez houvesse el-rei conselheiros de tal prosápia; melhores e mais dedicados, nem o monarca os conheceu a seu lado nem a corôa os teve para seu lustre e defesa.

A vida pública de José Novaes foi assim.

Desgostos teve-os; amou muito e não há amor sem calvário; ataques sofreu-os; porque se com relativa facilidade nos podemos livrar da ponta duma lâmina, difícil e impossível é escaparmos da ponta duma lingua; dificuldades palpou-as; porque o que mais embaraça o homem de bem e valor é julgar e crêr que todos lhe sejam eguaes.

Mas tudo isto lhe foi bem necessário. José Novaes era um bom e grande português e *para conhecer portugueses é tenta-los com revezes.*

O dr. José Novaes casou e casou rico. Não foi, não podia nem devia ser o interesse a causa dum passo tão decisivo e soléne, tão característico e culminante na vida dum homem que nunca trilhou atalhos ínvios no caminho da honra e que sempre praticou o mais abnegado desinteresse em todos os átos da sua vida. Não falhava por certo o amôr onde só êle era necessário, a quem nunca os ódios congestionaram nem a soberbia impavejou.

A Providência, a divina Providência castigou-o premiando-o; deu riquêsas a quem nada se importava com ser apenas remediado, deu uma esposa estremosa, modelar, christã, em tudo digníssima do dr. José Novaes. Uma fortuna cumulou-se com outra fortuna; um homem de grande bem e omnímodas virtudes uniu-se a uma dama rica em ouros da terra e mais rica ainda no ouro das virtudes christãs.

E naquêlê lar, naquêlê carinhoso lar de tanta ternura e tamanho amor, nem um arrepio, nem um sacudimento, nem duas vozes dissonantes, nem duas correntes divergentes, nem duas vontades antagônicas; uma fusão completa, uma harmonia perfeita, uma coesão indestrutível, um amor santo, um eterno noivado, uma perene lua de mel.

Esposa virtuosa e christã de José Novaes, eu me curvo perante a vossa dôr, eu me comovo perante a vossa desgraça porque compreendo o vosso amor e porque sei que há infortúnios que só na morte têm lenitivo!

Filhos de José Novaes, honrai-lhe sempre a memória, perpetuando a sua vida!

Aquêlê lar foi um templo: ídolo era a virtude, crentes sois vós, pontífice era êle; ajoelhai sempre ante o ídolo e nunca deixeis de acompanhar o sacerdote nos seus pontificais.

Aquêlê lar era um jardim: vós os botões de rosa, êle o jardineiro que tão carinhosamente vos mimava e guarnecia; perfumai-lhe e adornai-lhe sempre a campa com a preciosa essência da Fé em que vos educou e com o vivo colorido das virtudes que vos incutiu.

Aquêle lar era um campo; vós a sementeira, êle o bom agricultor que não deixava campar a herva maninha ou radicar o escalracho pernicioso; florescei e frutificae bem para o tempo e para a eternidade.

Enxugai o pranto e erguei os olhos a Deus; êle vela por vós; a alma subiu, o coração ficou para es-crínio das vossas virtudes e filtro da vossa felicidade.

A riquêsa no dr. José Novaes foi tambem uma necessidade para ser um exemplo.

Soube usar dela sem nunca abusar; com uma mão repartia sem que a outra soubesse quanto nem a quem. As ações bancárias que possuía, não eram tantas como as ações beneméritas que capitalizou; o cofre era recheado porque a necessidade tinha conta aberta em sua casa; se zeloso era em recolher os razoaveis lucros da sua fortuna, pródigo era tambem em repartir pelos carecidos, porque a Deus emprestava.

A riquêsa assim é não só um bem como até uma necessidade; e muito embora seja da Escritura a frase de que é mais fácil um camêlo passar por um buraco de uma agulha que um rico entrar a porta do ceo, o oiro com tais usos e a riquêsa para tais fins é uma grande virtude porque não encerra o coração no seu cofre, quem da caridade é escravo e da lei de Deus e sua Igreja, fiel cumpridor.

SENHORES:

O dr. José Novaes era um bom católico, de pensamento e ação, de fé e obras.

Versado em os estudos da ciência divina, não encontrou o seu lúcido espírito as apregoadas e só aparentes contradições com as ciências humanas em que mui versado também foi.

A sua fé era baseada em sólidos motivos de credibilidade na própria origem colhidos.

No lar a recebeu, em toda a sua vida e nas mais variadas vicissitudes a manteve e a ilustrou.

Ressumbrava-lhe com pujança da alma e do coração, confessou-a sempre ás claras pela palavra, defendeu-a brilhantemente com a pena e materializou-a nas formosíssimas obras que a vivificam, porque a Fé sem obras é morta, como diz o Apóstolo.

Há católicos de conveniência, por interesse, por atavismo, há católicos de Deus e do demónio com elasticidade e duplicidade para, ao mesmo tempo, dois senhores servir.

E ferem-se com rijêsa os peitos, ouvem-se com refalsada unção muitas missas, secam-se os lábios em acelerados movimentos, toma-se a posição do êxtase, praticam-se com matemático rigor as exteriorizações cultuais, faz-se penitência todos os dias como se praticam pecádos a todas as horas, — uns hipócritas perante os homens, mui bem sabendo que são réprobos perante Deus.

Já Christo lhes dizia que não é com os lábios que o devem honrar, já Êle lhes chamava hipócritas, raça de víboras, sepulcros brancos por fóra e dentro cheios de podridão; e, não se contendo num assomo de justa revolta, Êle que era manso de sentimentos e só dos pecadores amigo tomou o azorrague e limpou de vendilhões o templo.

Pelo que vejo e desgraçadamente também pelo que faço, pelo que queria dizer mas não posso por que a caridade manda calar, por todo esse triste viver de punjentes contradições, de degradantes cobardias e torpes aviltamentos de quem se diz católico, eu, á semelhança do incrédulo, confesso: o catolicismo é divino porque nem os padres com as suas misérias nem os crentes com os seus desvarios o desvalorizam e extinguem. E quanto mais o ferimos e despresamos mais êle se mostra divino e maiores benefícios escôa para o mundo.

O dr. José Novaes não compreendia nem praticava assim a religião.

Ato da creatura racional e livre com sua origem em Deus e fundamente na naturêsa moral do homem, distendeu-a bem por todo o seu âmbito, deixou que ela bem lhe informasse a personalidade, que firmemente se lhe imprimisse no carater e depois, qual Titan firmado no cone do Etna galgou distâncias e alcançou dum salto o seu termo, soerguido pela alavanca da Fé, impellido pela mola da Crença, arrastado pela força da Religião.

E o estudante, o homem público, o parlamentar, o estadista, o esposo, o pai, era firmemente católico; a sua vida foi um contínuo movimento para Deus, um

gravitar interminavel em torno da Igreja *coluna e firmamento da verdade*.

Nós padres muito lhe devemos, conselhos, proteção e colocações, porque nesta inditosa Pátria nossa, nem sequer a justiça se move sem que valimentos a empurrem.

A fé em José Novaes não era apenas um metal que sôa ou um sino que retine, a força capaz de transportar montanhas ou a abnegação que leva ao potro das torturas e lança na píra dos rechinamentos; era tambem a caridade, a caridade doce e beneficiente, a caridade sem inveja nem temores, a caridade sem ambições nem interesses, a caridade providência e remédio, a caridade concretizada em obras de avantajado préstimo social para as vítimas de um cruel destino e para os mártires duma implacavel degenerescência.

No Porto, Braga e Barcelos encontram-se monumentos a atestarem o seu patriótico e christão humanitarismo.

O Recolhimento da Tamanca, o Monte-Pfo dos Artistas e o Colégio da Regeneração em Braga; o Asilo do Terço, o Recolhimento do Bom-Pastor, a Oficina de S. José, as Irmãsinhas dos Pobres e o Dispensário Anti-Tuberculoso no Porto e o Asilo do Menino Deus em Barcelos, são as venéras que melhor constelam o seu peito e os discursos que mais eloquentemente pregôam a sua Fé e Caridade.

Sobretudo o Colégio da Regeneração de Braga é o padrão imorredoiro da sua mais autêntica glória.

Sabia o dr. José Novaes que a condição da mulher nos revela o estado moral e social dum povo;

que a mulher prostituida é flôr sem perfume, rosa sem harmoniosas colorações, plástica de efêmeros encantos, carnação de abominaveis avarioses, boceta de todos os vícios e alma das mais negras calosidades.

Maldita seja a sociedade que apadrinha com leis um crime!

Bem dita mil vezes seja a obra que forceja por elimina-lo franqueando a estrada duma formosa regeneração a quem teve o desvario duma funesta queda, abrindo o portal magestoso da reabilitação a quem se revolvía no antro infêto da miséria!

José Novaes via as nações mais cultas e prósperas combaterem e extinguirem a tolerância; sabia que Portugal é um dos países de maior prostituição da Europa; que só a cidade de Montpéllier tem prostituição superior ás cidades portuguezas; que Paris, Londres, Berlin, Viena, Napoles, Barcelona, etc., áquem ficam das nossas cidades.

Reconhecia, é bem verdade, que a lei penal pune severamente os crimes de violação e estupro, mas via por outro lado as leis administrativas compeli rem menores, impúberes até, a degradarem-se. Nos registos da tolerancia em Portugal ha menores de 15, de 12 anos!!!

Porisso êle elevou o Colégio de Regeneração a um esplendôr nunca atingido, a uma mais ampla esfera de ação regeneradora.

O homem fez-se mendigo e pediu de porta em porta para aquela casa; o político de prestígio e o cidadão de valor conjugou todos os seus valimentos para a engrandecer; o christão tanto se elevou, tantas

foram as benções que cumularam o seu nome e tão longe a sua fama chegou que o Chefe Suprêmo da Christandade distinguiu com a gran-cruz de S. Gregorio Magno, um dos gran-mestres da caridade portuguesa.

SENHORES:

Quando se dissiparam as densas fumaradas da pólvora, emudeceu a guéla hiante dos canhões e arrefeceu a lava candente e desolante das metralhadoras, e a manhan de *5 de outubro* repontou em afogueado leito e se espraizou em verdejantes campinas, nas ruas e praças de Lisbôa, jaziam vítimas do dever e mártires da sua causa.

Na arena da política poucas se encontraram: o sol nascente ia aquecendo e até resuscitando umas, o pavôr ia afugentando outras, outras eram confundidas pelo opróbrio, e, ruído o trôno, reconheceu-se alfim que não só êle era orfão dum valeroso rei que o illustrasse, como tambem mui falho de escoras que, sustentando-o, o defendessem.

Nesta arena e entre as poucas vítimas estava José Novaes.

Lutar, para que? Sacrificios, por quem?

O homem público, o político já ha tempos adoecido morreu nesse dia; morreu não, matou-se resignadamente.

O seu ardor coalhou-se, a clepsidra da dedica-

ção verteu a ultima gôta, o escudo da fidelidade aprou o ultimo golpe, a lâmina da sua fé inquebrantavel vasou-lhe friamente o peito. O valente caíu e aí ficou.

A monarquia foi a sua arena e a sua glória; natural e necessario era que fosse tambem o martírio e calvário da sua vida pública.

Fórmulas de govêrno pouco prendem os homens que têm como timbre e norma suprema a felicidade da sua Pátria; discutir regimes no campo dos principios ou até dos factos na própria hora em que os bons se mostram maus e os peores se afirmam ótimos, é questão muito de escolas e pouco de experimentações.

Identificar-se com o presente e lidar com esperança para melhor futuro é boa conduta para quem queira ser mais da Pátria que de si, mais cidadão e menos homem, muito de Portugal e pouco de agremiações ou clientelas.

Isto me parece o melhor, o mais conveniente e o mais próprio sobretudo para quem é dever expresso dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.

Mas quando um homem luta e se eleva como José Novaes, quando êle faz honradamente da causa dum regime a sua própria causa, quando êle é uma coluna inteiriça que o sustenta, uma rocha firme que o alicerça, um forte braço que o defende, um facho claro que o ilustra,— esse homem tambem deve ser uma cidadela que nunca se rende, um roble que nunca se parte, um carater que nunca se desvigorá, um valente que com o próprio batismo do seu sangue o autentica.

E pára onde o regime acabou e some-se quando o trôno se afundiu.

Os verdadeiros portugueses sempre fizeram assim; e a história ainda não teve nem terá colossos de maior abnegação, escravos de melhores deveres e mártires de maior heroísmo.

E o futuro quando passa diante dêles abate o guião da sua causa e aponta o exemplo da sua vida. E uma República quando depara com semelhante adversário, ou o conjura em nome dos superiores interesses da Pátria a devotar-lhe o seu esforço e o imortaliza depois como um Barão de Rio Branco, ou carinhosamente o deixa curtir a sua dôr, nunca esquecendo a sua lealdade que é um exemplo e sempre lembrando o seu nome que é um evangelho de dedicação.

Os que não foram e agiram como José Novaes, os que não pensam e procedem com êle, e bem podem agir e proceder, os que podem viver e brilhar sem atender ao logar e á companhia que avancem, que vão para a frente. Êle não foi, não podia, nem devia ir; se tal fizesse, maculava num momento a sua vida inteira.

José Novaes ficou sendo uma múmia política; nunca os anos a desfigurarão porque os preparos do embalsamamento foram a honra, a dedicação, a virtude, a fé.

Abandonou a Pátria e seguiu o caminho do exílio.

Não foi o transfuga de vil delíto, o emigrado de torpes revoluções, o perseguido e renegado que o povo amaldiçoava pelo despotismo com que o oprimiu ou pelos males que lhe causou.

Abandonou voluntariamente a Pátria; assim se tem dito.

Mas não: um homem do seu valor e um português das suas proeminentes qualidades não deixa bruscamente, sem graves motivos, a terra querida que lhe foi berço e o bom povo que sempre o venerou.

O exílio é sempre uma tristêsa e uma saudade; e quando o exilado é um português e a terra que se deixa é o lindo Portugal, a vida não pode durar muito, porque a paixão e a dôr cedo hão de matar.

O exílio de José Novaes não foi pretexto para conspirações tenebrosas; nem um gesto, nem uma palavra ou facto que significassem revolta; era um morto político.

Não foi também alarde para ostentações e protestos de *snobismo*: não lh'o consentiam o feitio nem o carater. Foi apenas a solêne autenticação da sua morte para a vida pública e política.

Foi mais alguma cousa.

Era um espírito retintamente conservador, era figura primacial dum partido conservador em que a valia e firmêsa das dedicações se podem medir pela furia dos ódios e pelo ranger dos desesperos que contra êle ulularam por virtude de medidas e processos governativos.

Sabia, porque é lei da história, que não ha revolução justificada ou justificavel perante a evolução social que não traga comsigo uma borrasca procelosa em que os desabamentos do passado são matéria prima para edificação do futuro e a rázzia nos grandes se executa implacavel e impiedosamente para que os humildes e oprimidos aflorem e bracejem.

Mas nesses períodos críticos da vida dos povos não ha apenas a imanente justiça popular em execução; refervem tambem os desvairamentos que chegam aos maiores excessos ferindo tanto o crime como a inocência.

Encarar isto com a firmeza dum crente e o heroico estoicismo dum português, podia-o êle fazer e disso era bem capaz. Mas evitar tudo isto com prudência e cautela, sem transigências e cobardias, é tambem um dever e medida de inapreciavel alcance social.

Quando o martírio ou a perseguição se podem evitar, sem que a honra naufrague, a fé esmoreça, a virtude se deslustre e o passado esqueça, — bater em retirada é um dever; e ha retiradas que valem tanto como as mais luzidas vitórias.

O exílio de José Novaes foi determinado pelo seu pensar e proceder político a que aquêle momento da nossa vida era adverso e que, por tumultuoso, podia chegar a um desvarío.

Exilou-se tambem para vêr se lhe era possivel obliterar o passado e não conhecer o presente, alheando-se de tudo, tudo recalcando e esquecendo.

O que em tudo isto houve de sacrificios da parte de José Novaes, português de grande alma e regionalista de fanático fervor, não o sabe dizer a palavra porque só eloquentemente o pregôa o termo da sua vida.

O rebate da cruel doença, mostra-lhe o outro ídolo dos seus amôres, a Pátria; e quem teve o berço no poético conchego destas edénicas paragens, e quem tinha tão acendradas amizades a soluçarem e carpirem a ausência de tão bom como grande amigo,

e quem tinha a vida aqui tão presa *em mil pedaços repartida*, devia voltar, voltar...

Para morrer, ao menos!

Morrer, oh! sim; mas na minha formosa terra de encantos mil; mas no seio dum povo que me engrinaldou com as camarinhas do seu suor e a quem retribui com toda a força da minha alma e todos os afetos do meu coração; mas nos braços de amigos queridos que me ergueram para as grandes culminações e sagraram para bons cometimentos; mas perto da minha querida Barcelos que guarda o lar da minha inocência, que encerra as cinzas dos meus antepassados que me levantou na musculatura dos seus valimentos e que ha de receber a última gratidão da minha alma toda rendida.

Morrer, oh! sim; mas recebendo o último beijo das tonificantes brisas dos nossos poéticos bosques; mas aspirando a derradeira fragância das mimosas flôres dos nossos prados; mas humedecendo os lábios com a pura e fresca linfa que múrmura brota dos nossos outeiros; mas ouvindo a última harmonia dos alados cantores da nossa Pátria; mas reclinando a cabeça e amortalhando o corpo no alvo e fresco traço de linho dos nossos graciosos campos.

Morrer, oh! sim; mas no leito em que firmei a eterna escravatura do meu coração; mas no lar em que chilreavam as tenras avesinhas dos meus filhos; mas no regaço do anjo que é toda a luz da minha vida, a só prenda do meu coração.

Morrer, oh! sim; mas entre portugueses para que mãos carinhosas me cerrem as pálpebras, lágrimas sentidas me alumiem na eterna viagem, braços dedicados me levem á sepultura, e terra maternal gasalhe o meu cadáver.

Morrer, oh! sim; mas recebendo a última absolvição dum padre português; mas ouvindo as orações da agonia na lingua de Camões; mas viaticado com o pão da nossa terra; mas ungido com óleo das nossas oliveiras; mas encomendado pelos lábios dum agradecido.

Morrer, morrer! oh!,

Meu Portugal, meu berço de innocente;

 jardim do adolescente,

 meu dia ardente,

 Meu vergado pomar dum rico outomno
 Sê meu berço final no último somno!...

Ah! mas que ouço e vejo?
 Homens, não; portugueses, oh! mil vezes nunca...
 Harpias a esvoaçarem sobre o ataúde de José
 Novaes, fêras a baterem as mandíbulas e rangerem os
 dentes á beira do seu cadáver!

Que ouço e vejo?

Um braço armado que se levanta para o defender,
 uma voz sonóra que retumba para o exaltar: a Pátria

que o leva para o Capitólio dos seus grandes, a História que o regista no agiológio dos seus bons.

Que ouço e vejo?

Um túmulo e a immortalidade: um povo ajoelhado edificando-se na lição eloquente da sua vida terrena e um Deus misericordioso e justiceiro arrebatá-lhe a alma para as regiões serenas da felicidade.

Que ouço e vejo?

O poder de Deus e a mão do génio gravarem-lhe na campa este epitáfio: *ditosa Pátria que um tal filho teve.*

Meu Deus!

Sufragámos a alma dum verdadeiro crente e honramos a memória dum bom português.

Se a prece ainda lhe é necessária, aceitai-a Senhor; é sentida em corações que o estremeceram e balbuciada por lábios que eternamente o bemdizem: acolhei-o na paz eterna. *Requiescat in pace.*

Senhor, Senhor! Antes que o gesto da Vossa Justiça séle a porta da Eternidade, entremostre-nos, numa só palavra da Vossa infinita misericórdia, a sua alma já glorificada.

Amen. Que seja assim meu Deus!

Amen. Assim foi, christãos.

Disse.

Do mesmo autôr

- I — Discurso recitado na festa solénissima da Virgem do Carmo, em Valença (*esgotado*).
 - II — Discurso recitado na festa da Virgem da Bôa-Nova, do Porto (*esgotado*).
 - III — Sermão prégado na festa da Senhora da Lapa, do Porto (*esgotado*).
 - IV, V — Orações fúnebres (2) recitadas em Évora e Barcelos.
 - VI — Sermão da Virgem das Dôres, prégado em Viana do Castélo.
 - VII — El-Rei D. Carlos I e Príncipe Real D. Luís Filipe, (*oração fúnebre prégada em Evora*).
 - VIII — REGICÍDIO E REGNICÍDIO — O crime do Terreiro do Paço um ano depois. Oração fúnebre de D. Carlos I e Príncipe D. Luís Filipe, recitada em Montemór-o-Nôvo. Com um grande prefácio de Fialho d'Almeida.
-

Licença da Autoridade Eclesiástica :

Imprimatur.

14 — III.º — 1913.

† Antonio, Bispo do Porto.

PORTO
Tipografia de Antonio Paulino, editor
219. RUA FORMOSA, 225
1915

PREÇO 500 RÉIS

biblioteca
municipal
barcelos



26838

José Novaes